

Bósnia - Herzegovina: A Doutrina de Coalizão e as Casas para as Equipes de Ligação e Observação

**General Virgil L. Packett, Exército dos EUA,
Coronel James F. Smith, Oficial da Reserva da Força Aérea dos EUA,
Coronel Edwin P. Woods, Exército dos EUA e
Major Edward C. Guilford, Jr, Guarda Nacional do Exército dos EUA**

QUANDO as Forças da Coalizão na Bósnia-Herzegovina estavam prestes a fazer uma redução na missão, tiveram que enfrentar desafios como o exagero da mídia e o isolamento. O conhecimento da situação era essencial. O estabelecimento da doutrina de coalizão, por meio de casas para as equipes de ligação e observação (*liaison and observation team — LOT*), para se tomar conhecimento da situação tornou-se um objetivo-chave para a força de estabilização (*Stabilization Force — SFOR*).

O desenvolvimento e a implementação da doutrina são tarefas difíceis. As Forças Armadas dos EUA constantemente buscam uma doutrina que possibilite o provável aumento do sucesso e a redução das chances de fracasso. Para o oficial americano, o ritmo (atual e o futuro) das operações ressalta a importância de se identificar os princípios que possam maximizar a eficácia militar, seja unilateralmente, seja operando com outras nações.

Durante essa última década, os Estados Unidos trabalharam com mais de 40 nações na busca da paz na área da Bósnia-Herzegovina. As Forças da Coalizão, que chegaram a totalizar 60.000 soldados, foram gradualmente reduzidas. Os Estados Unidos permanecem operando com aproximadamente 28 nações nessa longa e árdua missão de paz.

O desenvolvimento de doutrina para uma coalizão é mais difícil do que para uma nação específica por várias razões, incluindo fatores sociais, políticos e econômicos. Para se maximizar a eficácia e minimizar as dificuldades, a coalizão internacional tem que desenvolver objetivos de doutrina comuns, mesmo reconhecendo que as táticas, técnicas e procedimentos podem ser diferentes para cada nação participante.

Em dezembro de 1995, a Estrutura Geral para o Acordo de Paz, conhecida como o Acordo de Dayton (*Dayton*

Accords), pôs fim à guerra na Bósnia-Herzegovina, que se estendera por três anos e meio. Essa guerra acarretou a morte de mais de 200.000 pessoas, causou 2 milhões de refugiados, além de ter destruído toda a infra-estrutura do país.

No dia 20 de dezembro de 1995, a OTAN desencadeou a Operação *Joint Endeavor*, empregando uma força de implementação multinacional para a Bósnia-Herzegovina. Dentro de 6 meses essa força conseguiu separar as facções beligerantes, ajudou a consolidar as fronteiras da Federação da Bósnia-Herzegovina e a República de Srpska, transferiu as forças e os armamentos pesados para locais aprovados, criou a Comissão Militar Combinada e colaborou para encerrar o conflito. A Força de Implementação terminou a sua missão em 20 de dezembro de 1996, quando foi ativada a Força de Estabilização, iniciando a Operação *Joint Guardian*.

A Evolução da Força de Estabilização

A estrutura da Força de Estabilização mudou constantemente no decorrer da missão. A chave do êxito residiu no emprego dos 60.000 soldados, porém a Força de Estabilização reduzia o número de suas tropas de acordo com o sucesso da missão e a contínua cooperação dos oficiais da Bósnia-Herzegovina. A missão da Força de Estabilização era revisada a cada seis meses para determinar a adequação de sua estrutura e expedir recomendações aos líderes civis e militares no Quartel General das Forças Aliadas na Europa e da OTAN.

Em 2002, a Força de Estabilização possuía aproximadamente 17.000 soldados, quando o Conselho do Atlântico Norte votou pela redução da força para 12.000 soldados. Em dezembro de 2003, o mesmo Conselho votou por uma redução ainda maior para 7.000 soldados até o final de

2004, quando as operações terrestres seriam novamente entregues à Força da União Européia. Além da redução dos efetivos, também foi alterada a sua estrutura organizacional. As brigadas multinacionais passaram a ser forças-tarefas multinacionais. A redução do efetivo fixo da força inviabilizou o patrulhamento. Em alguns casos, a Força de Estabilização conduziu um limitado número de operações de cruzamento das fronteiras, compondo diferentes forças-tarefas para manter o conhecimento da situação.

Em face da redução da força, os comandantes tiveram de cumprir mais missões com menos recursos, ficando impossibilitados de obterem o conhecimento da situação por meio do patrulhamento constante. No outono de 2003, o comandante da Força de Estabilização incumbiu os comandantes subordinados a implementarem casas para as equipes de ligação e observação, com o propósito de fomentar a interação entre a Força de Estabilização e os cidadãos da Bósnia-Herzegovina.

As equipes de ligação e observação desdobraram-se por toda a área de responsabilidade para facilitar a coordenação e a ligação com a comunidade internacional, incluindo organizações não governamentais, autoridades civis, policiais locais e a população. Integrantes das equipes de ligação e observação moravam em todas as áreas de responsabilidade, estabelecendo relação de confiança entre atores internacionais e as organizações de serviço, obtendo informações fundamentais para manter a segurança local.

A História das Casas para as Equipes de Ligação e Observação

O conceito de fomentar a interação com a comunidade local não é novo. Porém, várias modificações sobre esse conceito foram empregadas pelas Forças de Estabilização e Implementação na Bósnia-Herzegovina, incluindo as casas para facções, para observadores de comissão combinada e para pelotões.

Casas para as facções — Para se obter um conhecimento da comunidade é necessário uma percepção do clima político, econômico e cultural. A Força de Estabilização criou as casas para facções tendo em vista o pessoal de ligação que trabalhava com oficiais de estado-maior das Forças Armadas. As casas alugadas contribuíram para o desenvolvimento de projetos de engenharia civil nas comunidades consideradas hostis.

No início das missões de operações de implementação e de estabilização, as casas foram vitais como pontos de observação e de escuta em lugares-chave e como local de presença permanente da Força de Estabilização em locais problemáticos. Os soldados eram designados para estabelecer relações amistosas com a população local e não tiveram sérios problemas com

a segurança das forças. Quando a situação política se estabilizou, as casas deixaram de ser alugadas.

Casas para os observadores das comissões combinadas: Essas casas passaram a ser a missão principal das Forças-Tarefas Combinadas de Operações Especiais da Força de Estabilização. As equipes de observadores de comissão combinada eram constituídas por 8 a 10 soldados, como uma Força de Reação Rápida. Uma equipe padrão de 10 soldados era dotada de apoio de pessoal e de assuntos civis, desdobrada em pelo menos 19 áreas distintas da Bósnia. A principal missão da casa dos observadores de comissão combinada consistia em servir de posto de escuta e de observação no terreno para o Comandante da Força de Estabilização, bem como verificar as informações oriundas de outras fontes. As equipes estabeleceram uma rede de contatos na Bósnia com uma variedade de pessoas, por meio de entrevistas, contatos pessoais e a presença de patrulhas. Mantiveram, também, os contatos estabelecidos no passado e estabeleceram novos. Os bons contatos constituíam-se na melhor forma de proteção para a força.

As casas para os observadores da comissão combinada eram uma concepção nova e fora do comum. Os elementos de operações especiais operavam de modo completamente ostensivo. As equipes contribuíram substancialmente para a proteção e segurança do ambiente ao validar todas as informações relacionadas com a segurança. Os integrantes das equipes eram altamente habilidosos e bem adestrados para a difícil missão. Frequentemente, esse adestramento durava todo o tempo de permanência da equipe na área. Cada casa contava com um soldado americano habilitado no idioma local para providenciar apoio e monitorar a ação e a credibilidade dos intérpretes.

As casas dos observadores de comissão combinada assemelhavam-se a qualquer outra casa da localidade, porém eram reforçadas e muito bem armadas. Na realidade, os integrantes dessas casas participaram de várias ações hostis, mas felizmente, não houve baixa fatal. As casas dos observadores de comissão combinada começaram a ser paulatinamente desativadas em meados de 2000 porque o escasso número de oficiais de operações especiais foi transferido para atuar em outras áreas.

Casas para pelotões: Algumas nações, como a França e o Reino Unido, estabeleceram casas ligeiramente defendidas para pelotões. Em 2002, a França alugou uma casa em Gacko, um dos locais de maior pobreza da República. A França manteve o posto avançado no centro da cidade e o relacionamento do pessoal do posto com os habitantes locais variou de indiferente a cordial. A casa em Gacko constituiu um outro exemplo da presença da Força de Estabilização, o que contribuiu para manter um ambiente protegido e seguro em uma área indiferente ou hostil.

Em 2002, o Reino Unido estabeleceu uma casa para a tropa em Gradisha, que alojou combatentes, além de

médicos e um cozinheiro. A metade da tropa deslocava-se para outras cidades, dentro de suas áreas de responsabilidade. O comandante da tropa era um segundo tenente. A missão dos britânicos incluía a manutenção da segurança, a proteção do ambiente, e a presença da Força de Estabilização ativamente engajada, atuando e mantendo o seu Quartel-General informado; além da ajuda à comunidade local.

A proteção da força era limitada, uma vez que a ameaça foi definida como sendo baixa. A casa permanecia aberta para qualquer pessoa da comunidade. Muitas pessoas visitavam a casa, em média de 4 a 5 visitas diárias, para relatar problemas com as autoridades municipais. Os soldados escutavam os residentes locais como meio de obter informações, porém não estavam autorizados a se envolverem em questões pertencentes à autoridade municipal. Ainda assim, considerando que os residentes locais necessitavam de tal assistência, os comandantes de tropa acompanhavam freqüentemente as solicitações dos habitantes locais, com o propósito de atender as necessidades do povo.

Implementação

A Força de Estabilização começou a desenvolver a sua versão das casas de equipes de ligação e observação no final de 2003. A FT Multinacional do Noroeste, comandada pelo General canadense Stu Beare, passou a adotar a concepção de casas de equipes de ligação e observação no início de 2004. A FT Multinacional do Sudeste, comandada pelo General alemão Gerhard Stelz, começou a implementar as casas das equipes de oficiais de ligação e observação na primavera de 2004. Já a FT Multinacional do Norte, comandada pelo General americano T.J. Wriugh, adotou esse procedimento em junho de 2004. Embora, no começo de 2003, o Comando da Força de Estabilização tenha atribuído às forças-tarefas a missão de implementar a concepção das casas de equipes de ligação e observação, foi-lhes dada grande flexibilidade nessa tarefa. As várias abordagens nos diferentes setores refletiram o desafio e a intensidade de desenvolver e implementar a doutrina da coalizão e os aspectos relacionados à tática, técnica e procedimentos.

Estrutura. O número de oficiais em cada casa para as equipes de ligação e observação e a estrutura de funcionamento variavam, conforme as nações e as forças-tarefas. Entretanto, as seguintes normas estão sendo planejadas para adaptar a cadeia de comando e controle à estrutura organizacional da Força de Estabilização:

- cada unidade de ligação e observação da FT

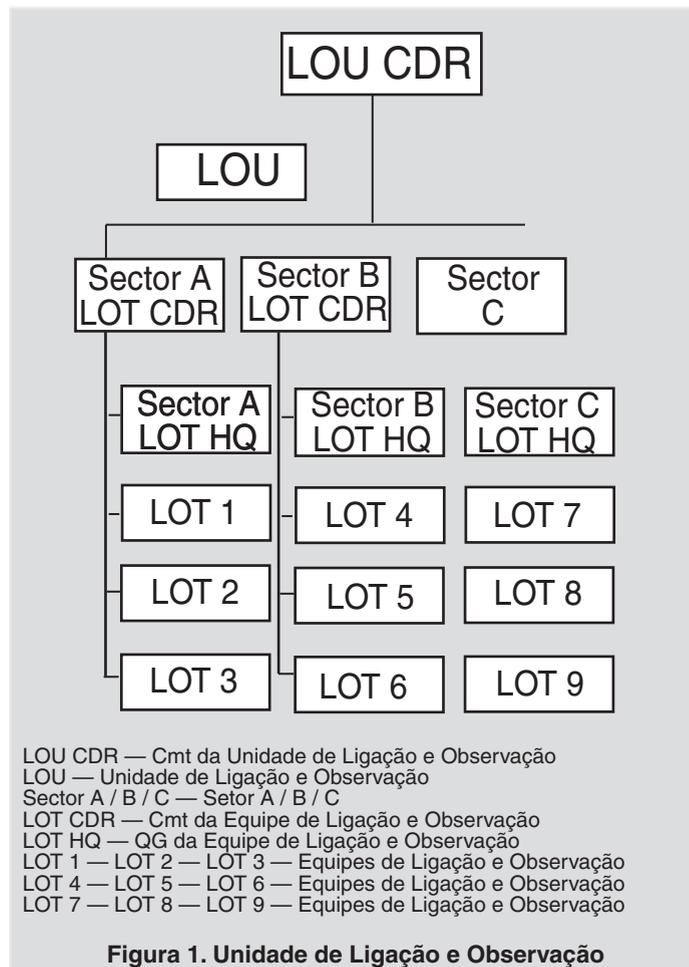
Multinacional deve compartilhar a mesma estrutura geral,

- a unidade de ligação e observação deve relatar as informações ao Quartel General da FT Multinacional e atender, de modo claro, a cadeia de comando, no que se refere às solicitações de informações prioritárias e

- a fim de facilitar a coordenação das informações, cada equipe de ligação e observação deve dispor de uma lista de Comandos e Quartéis-Generais, especificando a cadeia de comando (Figura 1).

Tarefas e responsabilidades. A composição da equipe de oficiais de ligação e observação varia de uma área de responsabilidade para outra. Entretanto, levando em consideração as tarefas dessas equipes, as necessidades de proteção da força e as medidas de segurança, foi recomendado que cada equipe de ligação e observação tivesse de 8 a 12 elementos por casa. Infelizmente, apesar dessa regra básica, o efetivo de cada casa variou em função da percepção e dos recursos de cada nação. Por exemplo, a casa da equipe de ligação e observação italiana, contava com um número reduzido de oficiais, o que conseqüentemente afetava a capacidade de patrulhamento das ruas e a segurança da casa (Figura 2).

Seleção e adestramento. A concepção das equipes de



ligação e observação é uma tarefa de alta complexidade. Selecionar o comandante adequado e seus subordinados para o eficaz funcionamento dessas equipes constitui uma tarefa crucial. O Comandante da FT definiu que os elementos dessas equipes deveriam:

- ser fidedignos e com muita iniciativa para sobreviver em uma nação estrangeira e em situações isoladas,
- ser sensíveis à cultura e aos costumes locais,
- ser fortes e não se deixar intimidar ou ser agredido facilmente,
- estar capacitados para iniciar uma conversa e fazer perguntas e
- ser capaz de relatar ao seu comandante a avaliação das informações recebidas, assim como explorá-las para garantir a segurança e a estabilidade local.

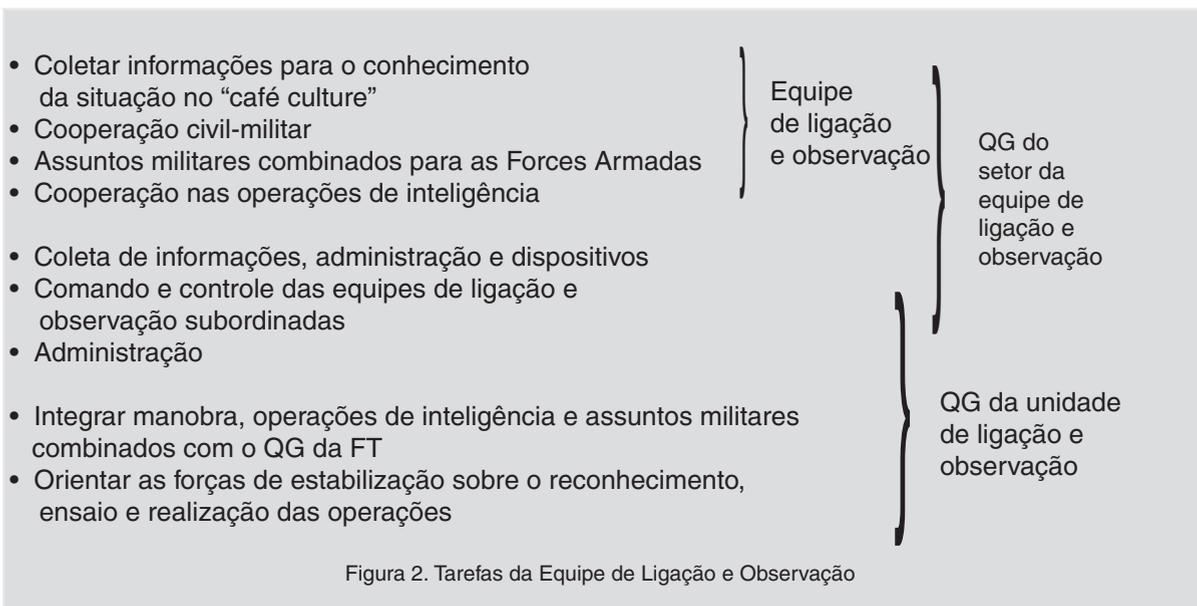
A missão tem que ser sempre muito clara. Os indivíduos devem conhecer seus objetivos e finalidades; estar treinados para monitorar o desenvolvimento político, social, econômico e ambiental e ser capazes de interagir com as autoridades civis e militares da Bósnia-Herzegovina, de modo a identificar qualquer irregularidade. Antes do desdobramento, os integrantes da equipe de ligação e observação devem entender, com clareza, a história do local, a situação atual e, saber antecipar futuros acontecimentos na Bósnia-Herzegovina. As equipes de ligação e observação devem ser adestradas para operar em contato direto com a população local, instituições e a comunidade internacional. Além disso, o seu adestramento deve enfatizar a iniciativa individual.

O papel principal dos integrantes dessa equipe será a evidente coleta de informações e de atividades de cooperação militar e civil. Para avaliar as ameaças à segurança e estabilidade local e regional, também deve providenciar informações corretas sobre o deslocamento

de refugiados, as instituições públicas, a regulamentação da lei, a economia e a infra-estrutura local e regional. Eles devem receber instrução sobre como estabelecer relacionamentos dignos de confiança com a população, o que exige uma habilidade para se comunicar abertamente ao mesmo tempo em que avalia e reavalia com cuidado as informações obtidas. O adestramento dos integrantes da equipe de ligação e observação deve incluir também procedimentos práticos, técnicas e necessidades gerais, tais como a habilitação para dirigir, conhecimento de idiomas e eficácia no uso de computadores.

Considerando que o adestramento e os recursos não são iguais em todas as nações, os integrantes das equipes de ligação e observação terão níveis diferentes de treinamento ao chegarem e mesmo após, variando significativamente entre as nações. Embora a Força Européia possa desenvolver normas gerais de ação padronizadas para a operação, que estabeleçam uma base única para o adestramento básico, é possível que este ainda varie bastante entre as nações. Cabe acrescentar que o número de soldados para a missão da equipe de oficiais de ligação e observação varia para cada nação, afetando conseqüentemente o processo de seleção de pessoal.

Considerando que todas as casas de equipe de oficiais de ligação e observação empregam intérpretes para auxiliarem nas interações diárias com a população, o conhecimento de idiomas é fundamental. Dependendo da nacionalidade e da língua nativa, as equipes terão dificuldades para conseguir intérpretes qualificados que falem o idioma local, o idioma da equipe e o idioma inglês, a língua falada nas operações da Força de Estabilização e da Força da União Européia. Conseqüentemente, até mesmo em relação à questão crítica do intérprete, é difícil estabelecer uma doutrina comum sobre sua seleção e adestramento. Por





Departamento de Defesa

O comandante da Força de Estabilização, Gen William E. Ward (segundo da direita para a esquerda) em patrulha com membros do Grupo de Comando Holandês falam com uma senhora a respeito de suas condições de vida durante a Operação Joint Forge. (Dezembro de 2002).

exemplo, um intérprete da equipe de oficiais de ligação e observação espanhola aprendeu o idioma passando um mês na Espanha, qualificando-se à posição de intérprete respondendo algumas perguntas básicas em espanhol. Por outro lado, um intérprete italiano adquiriu seu conhecimento do idioma trabalhando como cozinheiro em uma barraca italiana no centro de Sarajevo.

Já que a maioria dos intérpretes não pode traduzir três idiomas simultaneamente, eles recorrem ao uso de siglas para acelerar o processo. Embora esse método seja prático, de modo geral, ele pode comprometer a clareza e o conteúdo da conversação, dando uma informação errônea tanto para o soldado como para a população. Além disso, a diversificada composição étnica das comunidades torna ainda mais difícil encontrar intérpretes qualificados que possam facilmente se misturar com a população local e também se comunicar com os integrantes da equipe de oficiais de ligação e observação. Dito isto, considerando-se que o inglês é o idioma operacional comum da OTAN, todo o pessoal da equipe de ligação e observação (dos soldados até os intérpretes) deve ser fluente nesse idioma para diminuir as dificuldades de comunicações.

Proteção da força. Algumas vezes, devido à distância entre as casas das equipes de ligação e observação e o Quartel-General da FT, a proteção da força é uma tarefa difícil. Entretanto, um padrão mínimo de segurança deve ser propiciado aos integrantes das equipes, aos equipamentos e às informações para que tenham um nível apropriado de proteção física. A equipe de oficiais de ligação e observação também segue o mesmo nível

de alerta para a proteção da força dentro das áreas de responsabilidade. Considerando que a ameaça é variável, cada situação pode mudar sem aviso prévio. Se a ameaça à equipe de oficiais de ligação e observação aumentar, será necessário reforçar ou retirar a equipe. Planos de emergência devem estar preparados para a defesa, reforço ou evacuação em caso de ataque. O Quartel-General da FT Multinacional deve informar aos integrantes da equipe de oficiais de ligação e observação qualquer atividade que possa afetar sua segurança.

Alguns aspectos significativos levantaram questões relacionadas com a proteção da equipe de ligação e observação. As nações têm perspectivas diferentes sobre as necessidades de apoio aos militares. Cada nação também possui diferentes condições para providenciar pessoal, aeronaves e veículos. Os Estados-Unidos têm uma capacidade ímpar de proteção da força, fato que dificulta o estabelecimento de uma doutrina comum a esse respeito. Mesmo assim, os Estados Unidos podem estabelecer um exemplo claro e um modelo que possa servir de guia.

Apoio administrativo. Em virtude de as nações participantes oferecerem apoio administrativo, empregando seus próprios soldados para as casas das equipes de ligação e observação, os níveis de suprimento, conforto e até mesmo em itens básicos como alojamento, alimentação e transporte eram diferentes. Além disso, existem diferenças significativas quanto a restrições ao movimento, a manutenção e o apoio de informática e administração. A Força de Estabilização encorajava os integrantes dessas

equipes para se alimentarem e fazerem compras nos estabelecimentos locais, como forma de ampliar o relacionamento com a população e simplificar o apoio logístico. Porém, esse tipo de recomendação trazia dificuldades para as nações participantes em financiarem eficazmente essas casas. Uma questão que ainda está sendo estudada é a centralização dos recursos, para que todos os integrantes das equipes recebam o mesmo apoio e conforto.

As casas de campo, bases ou outras instalações disponibilizadas pelas autoridades locais podem ser utilizadas como casas das equipes de ligação e observação, QG da equipe de oficiais de ligação e observação e QG da unidade de ligação e observação. Contudo, é recomendável que as casas de campo sejam de uso exclusivo das equipes de oficiais de ligação e observação e do QG do setor, com a unidade de ligação e observação e a forças-tarefas multinacionais em outro local. A população sentir-se-ia mais à vontade para fornecer informações à equipe de oficiais de ligação e observação, se pudesse evitar as medidas de segurança militar (como verificação de carteiras de identificação, emissão de passes temporários etc.). A casa da equipe de ligação e observação deveria ser a face amiga da Força de Estabilização, porém por causa das diferenças de recursos das nações participantes, nem todas podiam financiar o desejado número de casas para as equipes de ligação e observação.

Uma Experiência Bem-Sucedida

A concepção de casas para as equipes de oficiais de ligação e observação é uma experiência bem sucedida na normalização da situação da Bósnia-Herzegovina. A incrementação das condições de segurança e a maior participação das autoridades locais permitem que a Força de Estabilização reestruture e faça a transição de grandes bases militares para as casas dispersadas pela Bósnia-Herzegovina que provêem segurança local. Os integrantes das equipes de ligação e observação estão prontos para explicar, de

forma aberta e transparente, a transição da missão da Força de Estabilização para a União Européia e o recentemente estabelecido Quartel-General da OTAN.

Atingir os objetivos gerais e os princípios da doutrina de coalizão pode ser difícil face as diferenças das táticas, técnicas e procedimentos entre as nações participantes. As Forças de Estabilização têm abordado, de forma distinta, a concepção das casas para as equipes de oficiais de ligação, devido às diferenças de recursos e perspectivas das nações participantes. À proporção que os Estados Unidos e outras nações procuram formar futuras forças de coalizão, eles não devem esquecer que a questão-chave continua sendo o sucesso do esforço total e não se as abordagens são idênticas. Os comandantes das FTs e os integrantes das equipes de ligação e observação concordam que existe mais de uma forma de se criar uma casa dessas em cada localidade. As características ímpares das casas para as equipes de ligação e observação criam um modelo diferente e excepcional em cada local.

Toda doutrina é maleável, particularmente a de coalizão. Cada nação participante deve integrar a técnica, a tática e os procedimentos que melhor se adaptam à sua missão, pessoal e recursos. Os comandantes americanos devem compreender que o estabelecimento de uma doutrina de coalizão é uma tarefa complexa, ainda que não seja impossível.

Para ser bem-sucedido em uma coalizão é importante nunca aceitar o primeiro “não”. Em vez disso, o militar americano deve trabalhar continuamente com os aliados para estabelecer princípios consistentes e predominantes para o cumprimento da missão. No caso da Bósnia-Herzegovina há uma variação na técnica, tática e procedimentos em cada casa para as equipes de oficiais de ligação e observação, mas a doutrina de coalizão é suficientemente flexível para contemporizar as diferenças. Os objetivos para todas as operações de equipe de oficiais de ligação e observação permanecem os mesmos — obter e prover o conhecimento da situação para a coalizão multinacional. **MR**

O General Virgil L. Packett II foi comandante da Força de Estabilização na Bósnia-Herzegovina. Possui o título de Mestre pelo John F. Kennedy College. É graduado pela ECEME e pela Escola de Estudos Militares Avançados dos EUA; foi também um Senior Service Collage Fellow na Universidade de Harvard. Serviu em várias missões no território continental dos EUA, Alemanha, Iraque, El Salvador, Itália e Bósnia-Herzegovina.

O Coronel James F. Smith foi o assessor militar de mais alto escalão para o comandante da Força de Estabilização. Possui o título de Bacharel pela University of Virginia, é Doutor em Jurisprudência pela University of Notre Dame, e é graduado pela Escola Superior de Guerra da Marinha. Serviu em várias missões no território continental dos EUA, na Alemanha e na Bósnia-Herzegovina.

O Tenente-Coronel Edwin P. Woods foi o Oficial Executivo para o comandante da Força de Estabilização. Possui o título de Bacharel pela University of Central Arkansas e é graduado pela Escola de Defesa da OTAN em Roma. Cumpriu várias missões no território continental dos EUA, Itália, Honduras, Alemanha e Bósnia-Herzegovina.

O Major Edward C. Guilford Jr. foi assistente militar do comandante da Força de Estabilização. Possui o título de Bacharel pelo Rose-Hulman Institute of Technology e cumpriu várias missões no território continental dos EUA e na Bósnia-Herzegovina.